



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Scheidt, Eduardo

Representações da Revolução Americana no ideário de Francisco Bilbao

Estudos Ibero-Americanos, vol. 36, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 48-66

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134618615004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Representações da Revolução Americana no ideário de Francisco Bilbao

*Representations of the American Revolution
in the ideals of Francisco Bilbao*

Eduardo Scheidt*

Resumo: Este artigo analisa as representações da “Revolução Americana” no ideário político do intelectual chileno Francisco Bilbao. Em nossa análise, tomamos como fonte duas obras do autor: *La Sociabilidad Chilena* (1844) e *El Evangelio Americano* (1864). Ao longo do texto, procuramos identificar permanências e diferenças acerca das representações de Revolução Americana em ambas as publicações, relacionando-as com os distintos contextos em que foram produzidas.

Palavras-chave: Revolução Americana, Representações do político, Intelectuais

Abstract: This article analyzes representations of the “American Revolution” in the political ideas of the Chilean intellectual Francisco Bilbao. In our analysis, we have utilized as sources two author’s works: *La Sociabilidad Chilena* (1844) and *El Evangelio Americano* (1864). Throughout the text, we have tried to identify continuities and differences about the representations of the American Revolution in both publications, relating them to the different contexts in which they were produced.

Keywords: American Revolution, Representations of the political, Intellectuals

O termo “Revolução Americana” foi largamente utilizado pelos protagonistas das independências na América Latina e pelos primeiros estudiosos do processo. Os contemporâneos e a maioria dos intelectuais das décadas subsequentes consideraram as emancipações políticas um movimento revolucionário. Entretanto, as concepções do que seria uma revolução variaram significativamente, conforme os diferentes

* Professor do Programa de Mestrado da Universidade Severino Sombra, Vassouras – RJ. Doutor em História Social pela USP. E-mail: <escheidt@ig.com.br>.

intelectuais e agentes históricos, que se integravam a distintos grupos políticos. Havia, pois, diversas formas de representar a Revolução Americana.

Para forjar suas concepções revolucionárias, os latino-americanos leram e/ou adaptaram os conceitos de revolução que circulavam na época, especialmente no pensamento iluminista e nas reflexões em torno das revoluções norte-americana e francesa. No presente artigo, analisamos as representações de Revolução Americana em um autor específico: o chileno Francisco Bilbao, importante intelectual latino-americano do século XIX.

Para análise do tema, utilizamos o conceito de representação, fundamentado em Roger Chartier (1990). Para o autor, as representações se entrelaçam com as lutas políticas, tendo um relevante papel nos atos de persuasão sobre o conjunto da sociedade com intuito de conquistar um maior número adeptos para determinadas concepções. Sobre esta questão, Chartier afirma que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (Chartier, 1990, p. 17).

Compartilhamos com o autor a perspectiva de que as lutas de representações são tão importantes quanto às econômicas. É a partir das ideias que as pessoas são impelidas a participar de processos de transformação social, ou em outros casos, a lutar contra sua execução. Desse modo, as representações agem sobre a realidade, modificando-a, transformando-a ou tentando conservá-la. A nosso ver, as distintas maneiras de representar a Revolução Americana inseriam-se em concepções ideológicas mais amplas, que tinham como intuito persuadir o maior número de pessoas possíveis a aderir a elas e agir na realidade social.

Conforme mencionado, nosso estudo está focado sobre o intelectual chileno Francisco Bilbao. O autor teve uma vida curta, mas intensa. Iniciou sua trajetória política e intelectual no seu país, vivenciou dois períodos de exílio na Europa, no Peru e na Argentina, onde se radicou nos últimos anos de vida.

O estudo de intelectuais que atuaram em diferentes regiões latino-americanas e vivenciaram períodos de exílio na Europa, leva-nos a refletir sobre a problemática da circulação de ideias. Sobre esta questão, aludimos ao texto de Pierre Bourdieu (2000) *Las condiciones sociales de la circulación de las ideas*. Ao abordar o tema da circulação internacional de ideias, o autor aponta para fatores estruturais passíveis de gerarem mal-entendidos. O primeiro é o fato de que os textos circulam sem o seu contexto de origem. Segundo Bourdieu, Marx já havia percebido que os autores franceses eram muito mal compreendidos pelos alemães porque os textos eram produzidos em uma conjuntura política específica da França, muito distinta da realidade alemã. O segundo fator mencionado por Bourdieu refere-se à questão de que os receptores, estando eles mesmos inseridos em um campo de produção diferente, reinterpretem o texto importado em função da estrutura do campo de recepção.

As observações do autor serão pertinentes em nossa análise de como as ideias trazidas da Europa repercutiram em campos de recepção distintos, no caso o Chile e a Argentina. Recepção esta que, segundo nosso entendimento, de forma alguma é passiva, uma vez que sempre há um ativo processo de seleção, interpretação e readaptação local de ideias.

De Bourdieu, consideramos importante recorrer também ao seu conceito de “campo intelectual”. Em um texto sobre o tema,¹ o autor alerta que embora os intelectuais ajam de forma autônoma, constituindo-se num “campo”, esta autonomia é sempre relativa. Conforme a argumentação do autor:

En efecto, es la condición de constituir el campo intelectual (que, por grande que pueda ser su autonomía, está determinado en su estructura y su función por la posición que ocupa en el interior del campo del poder) como sistema de posiciones predeterminadas que exigen, como puestos de un mercado de trabajo, clases de agentes provistos de propiedades (socialmente constituidas) de un tipo determinado, que se puede romper con la problemática tradicional (en la cual Sartre queda prisionero) y preguntarse, no cómo tal escritor ha venido a ser lo que es, sino lo que debían ser, bajo la relación del habitus socialmente constituido, las diferentes categorías de artistas y de escritores de una época y de una sociedad determinadas, para que les fuera posible ocupar las posiciones que les reservaba un estado determinado del campo intelectual y adoptar, al mismo tiempo, las tomas de posición estéticas o ideológicas objetivamente ligadas a esas posiciones. (Bourdieu, 2000, p. 30-31).

¹ “Campo del poder, campo intelectual y habitus de clase.” In: Bourdieu, 2000, p. 23-42.

Não nos deteremos no complexo conceito de “habitus”² desenvolvido por Bourdieu. Porém, consideramos importante salientar que, para o autor, a autonomia dos intelectuais é limitada por diversos condicionamentos sociais. Os argumentos de Bourdieu são bastante pertinentes a todo historiador de ideias, no sentido de adverti-lo para a necessidade de estabelecer relações entre o ideário de um intelectual ou grupo de intelectuais e o contexto em que ele(s) atua(m). Segundo Bourdieu, o campo intelectual é um espaço de lutas sociais, uma relação de forças, em que as ideias produzidas e difundidas pelos intelectuais interagem e se confrontam com diversos outros autores e ideários, lutando para se imporem sobre os demais, conquistando a hegemonia no campo.

Bilbao foi um entre muitos intelectuais do século XIX que elaborou projetos para os novos países latino-americanos. Para análise do ideário do autor, fundamentamo-nos no conceito amplo de “utopia”, proposto por Bronislaw Baczko (1985). Para o autor, o termo é polissêmico, mudando continuamente de significado ao longo do tempo e conforme os indivíduos e/ou grupos sociais que dele fazem uso. Baczko não propõe um conceito formal de utopia, e sim procura demonstrar como o termo vem sendo aplicado em diferentes contextos. Desta forma, compartilhamos com o autor de suas reflexões sobre o século XIX, nas quais ele afirma que as representações utópicas reúnem um conjunto de “[...] promessas e esperanças, mais ou menos vagas e difusas, elaborando-as, estruturando-as e traduzindo-as, por fim, em imagens de uma outra sociedade em ruptura, variavelmente radical com as realidades existentes.” (Baczko, 1985, p. 377). Neste sentido, entendemos que as utopias abarcam um conjunto amplo de correntes e pensadores, caracterizados por representações distintas de suas sociedades, mas sempre propondo alternativas, geralmente marcadas por propostas radicalizadas e muito diferentes do mundo que os cercava.

Francisco de Sales Bilbao nasceu em Santiago a 9 de janeiro de 1823. Seu pai, Don Rafael Bilbao, foi um destacado político liberal, tendo ocupado cargos como governador local e intendente de Santiago. Após a consolidação do regime conservador do Chile, a partir de 1830, os *pelucones* (conservadores) passaram a perseguir os *pipiols*

² Em linhas gerais, Bourdieu define como “habitus” as “estruturas mentais”, ou seja, uma certa visão de mundo de uma determinada sociedade de uma época. O “habitus” consiste em uma interiorização, em nível mental, das estruturas econômicas e sociais externas.

(liberais). No ano de 1834, Don Rafael foi obrigado a se exilar no Peru, levando sua família e retornando ao Chile em 1839. O jovem Francisco Bilbao integrou-se ao movimento intelectual “Sociedade da Literatura”, vindo a publicar seu primeiro livro, *La Sociabilidad Chilena*, em 1844. O conteúdo radical da obra suscitou profunda comoção entre os conservadores chilenos, ao ponto de a obra ser queimada em praça pública. As repercussões de seu livro custaram-lhe um exílio na Europa, entre 1844 e 1850, durante o qual entrou em contato com diversos intelectuais europeus, especialmente Jules Michelet e Edgar Quinet. Além destes, outro autor que teve profunda influência sobre o ideário de Bilbao foi Félicité Lamennais, com cuja obra o chileno teve contato ainda em sua terra natal na década anterior. Ainda durante o primeiro exílio na Europa, nosso autor participou ativamente dos movimentos revolucionários de 1848 na França, cujos revezes deixaram-no profundamente decepcionado. No retorno ao seu país, Bilbao fundou juntamente com seu compatriota Santiago Arcos, a “Sociedade da Igualdade”, com o intuito de congregiar os intelectuais e setores populares, excluídos da participação política. O rápido crescimento dos igualitários assustou o governo, levando à decretação de estado de sítio e ao fechamento da organização. Na clandestinidade, Bilbao e seus companheiros protagonizaram uma tentativa de insurreição em 1851, logo sufocada pelo governo, obrigando o autor a um novo período de exílio, desta vez no Peru, onde estabeleceu contatos com liberais e românticos peruanos e participou de movimentos políticos locais. No país vizinho foi, por duas vezes, encarcerado e quando libertado, aconselhado a deixar o país. Desta forma, Bilbao decidiu se exilar novamente na Europa, instalando-se em Paris no ano de 1855. Durante o novo exílio europeu, procurou organizar politicamente os refugiados da América Latina. No ano seguinte, publicou *La Iniciativa de América*, propondo a união dos latino-americanos. De volta ao subcontinente, fixou residência em Buenos Aires no ano de 1857, onde sua família vivia desde o início da década após serem desterrados do Chile. Bilbao logo começou a exercer atividades políticas e intelectuais em Buenos Aires, participando da fundação da *Revista del Nuevo Mundo*. Embora vivendo na capital portenha, o autor deu apoio a Justo José Urquiza e à Confederação, posicionando-se contra o Estado independente de Buenos Aires. Devido a sua opção política, foi obrigado a um rápido desterro na cidade de Paraná durante o ano de 1859. De volta a Buenos Aires, publicou duas de suas obras mais importantes: *La América en Peligro* e *El Evangelio Americano*, em 1862 e 1864 respectiva-

mente. Faleceu a 19 de fevereiro de 1865, vítima de infecções pulmonares.³

A produção historiográfica sobre o ideário de Bilbao ainda é escassa. Os historiadores não estão de acordo quando o assunto é o papel do intelectual na história do país. Francisco Frías Valenzuela (1991) retrata o personagem como portador de “caráter suave e bondoso”, mas ao se lançar na contestação da ordem vigente, demonstraria um estilo “confuso e apocalíptico”, carecendo de noções “científicas” e “filosóficas”. Já Carlos Fortín Gajardo (1971), afirma que Bilbao foi um reformador social, imbuído de ideias renovadas do liberalismo europeu da época. Além disto, a “Sociedade da Igualdade”, fundada pelo chileno, representava uma forma de coletividade política, em cujas fileiras se agruparam trabalhadores idealistas e defensores de reformas fundamentais nos campos econômico, social e político. Especificamente sobre o ideário de Bilbao, seus estudiosos destacam a forte influência de Lamennais no pensamento do autor.⁴ Alguns pesquisadores também apontam para a importância do pensamento de Edgar Quinet e Jules Michelet nas ideias de Bilbao, especialmente após seu primeiro exílio na França.⁵ Até o presente momento, a obra de Clara Jalif de Bertranou (2003) é a que mais se aprofundou na análise da trajetória do nosso personagem e suas ideias. Conforme a autora, Bilbao teve sólida formação intelectual no liberalismo e na Ilustração, mas também foi bastante influenciado pelo romantismo e pelo cristianismo social (especialmente pela obra de Lamennais). Segundo Jalif, o intelectual chileno deve ser caracterizado como um “racionalista romântico”.

Durante toda sua trajetória política e intelectual, Bilbao esteve na oposição às elites dirigentes latino-americanas, criticando os desdobramentos dos regimes políticos que surgiram nos recém fundados países do subcontinente. Em sua utopia, foi um republicano convicto, influenciado tanto por ideias liberais como o pensamento mais radical, com ênfase nas liberdades e igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. Além da condução dos governos pelas elites, o autor criticava duramente o papel da Igreja católica, considerada como uma manutenção do colonialismo espanhol e um entrave para o pleno desenvolvimento do republicanismo. Republicanismo e catolicismo seriam incompatíveis

³ Os dados sobre a biografia de Bilbao foram extraídos do prólogo de Alejandro Witker em Francisco Bilbao (1988), dos livros de Pierre-Luc Abramson (1999), de Carlos M. Rama (1987) e de Clara Jalif de Bertranou (2003).

⁴ Ver, por exemplo, Carlos M. Rama (1987, p. 105) e Alejandro Witker (in Bilbao, 1988, p. XI).

⁵ É o caso de Pierre-Luc Abramson (1999, p. 105).

segundo seu pensamento. Outra questão recorrente no ideário do autor é a unidade latino-americana. Bilbao defendeu com eloquência a união da América, no âmbito de uma América hispânica, em uma confederação republicana que possibilitasse o desenvolvimento econômico e social do subcontinente e pudesse fazer frente às ameaças recolonizadoras e monarquistas da Europa.

Para Bilbao, a edificação da sociedade republicana na América Latina estaria relacionada com o processo de Revolução Americana. No presente trabalho, analisamos, pois, especificamente as concepções deste processo em nosso autor, tomando como fonte duas de suas principais obras: *La Sociabilidad Chilena*, redigida em 1844 e *El Evangelio Americano*, publicada em 1864. Procuramos identificar permanências e diferenças acerca das representações de Revolução Americana nas duas obras do autor, relacionando-as com os distintos contextos em que foram produzidas.

Antes de adentrar-nos na análise do ideário de Bilbao, consideramos importantes tecer algumas considerações sobre as representações de revolução no período histórico analisado. Conforme afirmado no início deste texto, havia distintas representações de revolução. Segundo Gianfranco Pasquino (s/d), o termo “revolução” surgiu na Europa à época da Renascença e significava o lento, regular e cíclico movimento das estrelas. A palavra passou a ser usada como termo essencialmente político a partir do século XVII em meio às revoluções inglesas. Naquele contexto, uma revolução significava um retorno a uma ordem preestabelecida, em que as pessoas gozariam de seus “direitos naturais”. A revolução, geralmente relacionada a uma guerra civil, seria um direito de rebelião das populações contra um governo tirânico que havia usurpado os direitos dos cidadãos. Ao invés de uma transformação política, econômica e social, uma revolução, pois, seria uma restauração de uma suposta situação passada que teria sido desvirtuada por governos tirânicos. Percebemos claramente esta concepção de revolução no ideário de John Locke a partir de sua análise das revoluções inglesas do século XVII. O autor teve influência notória sobre os iluministas no século XVIII e os liberais no XIX.

Mesmo no final do século XVIII, entre os revolucionários norte-americanos e franceses, a revolução estava associada mais a um retorno a um estado de coisas justo e ordenado do que a criação de

algo novo. Mas é justamente ao longo da Revolução Francesa, que o conceito de revolução começou a ser reformulado, passando a aludir essencialmente à criação de uma nova ordem a partir da destruição da antiga. Assim, “[...] é a razão que se ergue contra a tradição ao legislar uma constituição que assegurasse não só a liberdade, mas trouxesse também a felicidade ao povo.” (Pasquino, s/d). Ou seja, a partir da Revolução Francesa, a representação de revolução passa a ser associado com ruptura e não regeneração do passado. Entretanto, as concepções anteriores continuaram circulando e/ou se mesclando com as novas no pensamento político ao longo do século XIX.

Em relação ao contexto latino-americano, o historiador argentino Fabio Wasserman (2008) afirma que o termo revolução tornou-se um conceito político fundamental durante o processo de independências e décadas posteriores. O termo revolução foi amplamente utilizado para descrever as emancipações políticas e o rompimento com a ordem colonial. O movimento revolucionário significaria uma mudança profunda das ordens política, social, moral e cultural. Demarcaria o início de novos tempos e as origens de uma nova ordem, com o estabelecimento dos Estados nacionais soberanos em substituição ao império colonial.

O autor demonstra que ao mesmo tempo em que o termo revolução era associado com mudanças e rompimento com o colonialismo, era igualmente relacionado com “regeneração política” e “redenção”. Podemos perceber que os protagonistas das independências na América Latina, ao construírem suas representações do termo, utilizaram e mesclaram tanto o sentido mais tradicional de revolução como o novo surgido durante a Revolução Francesa.

Segundo Wasserman, o termo revolução foi amplamente utilizado pelo novo poder em formação como legitimação da nova ordem que se pretendia firmar-se. Neste sentido, aludia-se à “nossa gloriosa revolução” ou “nossa feliz revolução”. Mas durante os novos movimentos revolucionários que surgiram após as independências em meio ao conturbado processo de formação dos Estados nacionais e disputas de soberanias, os que estavam no poder vinculavam estas tentativas revolucionárias com “rebeliões”, “tumulto”, “desobediência”, “sedição da ordem”. Para os protagonistas daqueles movimentos, o conceito de revolução continuava associado a transformações e edificação de uma nova ordem. Constituíam-se, pois, diferentes representações de revolução, dependendo dos distintos usos que os diversos grupos políticos faziam do termo em contextos específicos.

Ainda segundo o autor, uma outra característica recorrente dos ideários dos agentes políticos e intelectuais latino-americanos da primeira metade do século XIX, é a identificação da revolução como algo necessário e até mesmo inevitável. Neste sentido, Wasserman afirma que:

La caracterización de la revolución como un proceso necesario también podría ser planteada en clave secular en el marco de una filosofía ilustrada de la historia según la cual existen leyes universales que rigen el progreso de la humanidad. [...]. El concepto de revolución presenta en este sentido algunas cualidades distintivas como parte de un proceso de movimiento y de cambio histórico: tener una dirección, ser irreversible y afectar a todas las dimensiones sociales. (Wasserman, 2008, p. 163-164).

O conceito de revolução, pois, é fundamental para entendermos os ideários políticos na América Latina à época das independências e formação dos Estados nacionais. O termo referia-se ao rompimento com o colonialismo, mudanças profundas em todos os âmbitos sociais num processo necessário e praticamente inevitável.

Este processo de rompimento do colonialismo e construção de novas instituições políticas soberanas, em substituição às coloniais, é considerado uma revolução política por importantes historiadores contemporâneos. É o caso de François-Xavier Guerra (1993), que considera as revoluções hispano-americanas como emergência da modernidade política, e de José Carlos Chiaramonte (1997), para quem o longo processo de formação dos Estados nacionais na América Latina está relacionado às intensas lutas e conflitos entre distintas propostas de instituições soberanas em meio às revoluções políticas.

Os diferentes agentes políticos e intelectuais, comprometidos com distintos projetos de sociedade, desde conservadores, moderados a radicais, que implicariam em continuidade e/ou novos processos revolucionários, elaboraram e difundiram distintas representações da Revolução Americana. Passemos à análise desta questão em Francisco Bilbao.

Em seu primeiro livro, *Sociabilidad Chilena*, Bilbao adentrou-se na história do Chile e da América em geral. Ao longo da obra, expressou suas ideias sobre seu país e o subcontinente no momento em que os conservadores chilenos completavam uma década e meia de hegemonia

no poder.⁶ O autor, pois, fez uma crítica ferrenha à situação política e aos governantes do Chile. No início do livro, o intelectual chileno debruçou-se sobre o passado colonial, identificando-o com a Espanha. Segundo ele, a ex-metrópole seria a “Idade Média”, caracterizada pelo feudalismo, autoritarismo e catolicismo. Foi este legado “bárbaro” e de obscuridade que a Espanha deixou para a América. Bilbao enfatizava o papel da Igreja Católica, identificada como aliada da monarquia absoluta, especialmente no papel de doutrinar a população, ou seja, o catolicismo foi apontado como sustentáculo ideológico do poder dos reis espanhóis. A América Colonial, assim como a Espanha, tinham constituído uma verdadeira sociedade, já que havia unidade de *creencia*⁷. Para construção de uma outra sociedade, seria inicialmente preciso, conforme o pensamento do autor, um novo conjunto de ideias e propostas calcadas em novas mentalidades e atitudes. Esta futura sociedade estaria gestando-se nas ideias iluministas.

Sobre a representação de Revolução Americana, nosso autor relacionou-a com a Revolução Francesa. Se o passado fora legado pela Espanha medieval, a idade “nova” estaria chegando ao continente americano através da França. O processo americano, sob a ótica de Bilbao, estaria fundamentado no francês, proporcionando a destruição

⁶ A consolidação dos conservadores no poder deu-se a partir de 1830 com a instauração de um regime político autoritário e fortemente centralizado politicamente. Da independência até a década de 1820, o Chile foi caracterizado pela instabilidade política e social e frequentes mudanças de governo em meio às disputas entre liberais (apelidados pejorativamente de *pipiolo*s) e conservadores (*pelucones*). Durante os anos 20, houve um predomínio de governos liberais, com propostas progressistas e modernizadoras, mas que não puderam ser efetivamente implementadas numa sociedade ainda dominada por elites de grandes proprietários de terras que exploravam uma população de ampla maioria camponesa. O novo regime implementado a partir de 1830 foi em grande parte arquitetado por Diego Portales que, embora nunca tenha se candidatado ao cargo de presidente, foi uma importante figura do poder, inclusive ocupando cargos de Ministro, até sua morte em 1837. A Constituição de 1833 institucionalizou o regime que, embora caracterizado por eleições periódicas e separação de poderes, concedia amplos poderes ao executivo e o voto censitário assegurou a continuidade dos *pelucones* no poder. Além da elite de grandes proprietários de terra, a Igreja Católica também tinha profunda influência na conservadora república chilena. Sobre o processo histórico da independência e formação do Estado nacional chileno, consultar Simon Collier (In Bethell, 2001, p. 591-624) e Cristián Gazmuri (1998).

⁷ Optamos por manter o vocábulo na língua original, uma vez que a tradução para “crença” não condiz com o real significado da palavra atribuído por Bilbao em suas obras. *Creencia* seria o conjunto de ideias, concepções, mentalidades e atitudes de uma sociedade em um determinado contexto ou época histórica. A questão é de importância crucial no pensamento do autor, pois conforme sua perspectiva idealista, a “ideia domina a forma”, ou seja, seriam pelas ideias compartilhadas pelos agentes sociais que as transformações históricas aconteceriam.

do autoritarismo feudal e edificando um novo regime republicano, caracterizado pela igualdade social, democracia e liberalismo.

Claramente influenciado pela Revolução Francesa, Bilbao entendia o processo revolucionário latino-americano como uma ruptura com o passado e edificação de algo novo, conforme o trecho abaixo:

Nuestra revolución [americana], es en fin, la destrucción de la síntesis pasada y el entronizamiento de la síntesis moderna. [...] Pero la obra de la planteación [sic] del nuevo sistema de creencias; el pan espiritual que era necesario dar a los pueblos después de la destrucción del antiguo, no se ha podido elaborar de un modo satisfactorio. (Bilbao, 1988, p. 18-19).

Como percebemos na citação, o intelectual chileno teceu críticas ao processo revolucionário na América. Segundo ele, os revolucionários americanos cometeram diversos erros, como voltar-se ao passado e não completar a revolução. Nesta obra de Bilbao, a revolução é representada como um processo amplo, envolvendo transformações nos âmbitos político, social e religioso. Além da derrubada do regime autoritário, também seria preciso organizar uma nova sociedade, que não poderia prescindir do igualitarismo social, da extensão do direito de propriedade a todos, da educação de toda população e da liberdade religiosa. A Revolução Americana, entretanto, não foi capaz de completar este processo, ficando restrita à questão política da manutenção do poder. Numa clara alusão à continuidade do catolicismo após as independências, o autor afirmou que um dos principais aspectos que explicariam o caso americano seria a manutenção da fé ao invés do uso da razão.

Bilbao seguiu sua análise, afirmando que a “incompletude” da revolução teria dado espaço para a “ressurreição do passado”. Desta forma, o regime conservador chileno, estabelecido muito em função da liderança de Diego Portales, representaria uma contrarrevolução, já que se fundamentou em instituições e *creencias* do passado colonial, legadas pela Espanha.⁸

⁸ Nestes aspectos, é possível estabelecermos analogias entre as concepções de Bilbao e as do grupo de intelectuais rio-platenses que ficou conhecido como “Geração de 1837”. Os integrantes deste grupo também foram críticos do processo de Revolução Americana, considerando-a igualmente incompleta, o que teria dado margens à “restauração do passado” (colonial). Tanto a Sociedade da Literatura chilena, da qual Bilbao fez parte, quanto nova geração de intelectuais rio-platenses, foram pioneiros na recepção do romantismo político na América Latina, além de se operarem aos regimes elitistas que se seguiram às independências e serem partidários da continuidade do processo revolucionário no subcontinente. Para mais detalhes sobre o ideário da Geração de 1837, consultar o terceiro capítulo de nosso livro: Eduardo Scheidt (2008). Ver também José Carlos Chiaramonte (1997).

O intelectual chileno não se restringiu aos “erros” dos líderes revolucionários latino-americanos para explicar o surgimento da dita contrarrevolução. Analisando a base da sociedade chilena, ele identificou a partir de onde o processo contrarrevolucionário estabeleceria seus sustentáculos:

De aquí [regiões interioranas do Chile] se ve salir el espíritu tradicional de los hombres del caballo que pasan su vida vagando o dando vueltas alrededor de su círculo. Las creencias de nuestros huasos [sic] son católicas y españolas. Estas creencias de suyo tradicionales y tenaces, encarnadas en hombres cuyo espíritu es conservar y que no pueden por la vida que llevan presenciar espectáculos distintos, deben tener un completo desarrollo, de aislamiento, de barbarie y de conservación. El sur de Chile, la vecindad del elemento indígena, es el que posee las localidades más aparentes para conservar en la gente del caballo las tradiciones e creencias antiguas. Luego la reacción antirevolucionaria, antiliberal, debe salir de allí, o tener en su gente los sostenedores más decididos. (Bilbao, 1988, p. 25-26).

Na perspectiva de Bilbao, pois, as populações do interior e os indígenas haviam assimilado profundamente hábitos, costumes e valores da sociedade colonial. O isolamento, a “ignorância” e o “espírito selvagem” teriam contribuído enormemente para manutenção das *creencias* tradicionais, impossibilitando a construção da sociedade republicana e fornecendo as bases sociais para o advento da contrarrevolução. Além disto, nosso intelectual utilizava o termo “barbárie” para designar os habitantes das regiões interioranas e os indígenas, contrastando com a “civilização” das cidades, onde os valores “modernos”, de origem europeia, eram bem assimilados.⁹

No final de sua obra, Bilbao apontou os meios para se derrotar o regime reacionário. Para tal, seria necessário dar continuidade ao processo revolucionário. Coerente com suas orientações idealistas, em que as ideias é que transformam a realidade social, o autor argumentava que a elaboração de uma nova *creencia* seria o ponto de partida de uma nova revolução. Esta *creencia* fundamentava-se na ampla liberdade para todos indivíduos, na igualdade social de fato, na soberania do povo, na

⁹ Esta dicotomia entre cidade e campo, sob a ótica da “civilização” versus “barbárie”, ficou consagrada a partir da publicação, em 1845, do livro *Facundo: civilização e barbárie*, do argentino Domingo Faustino Sarmiento. Embora este seja conhecido como o idealizador desta perspectiva, chamamos a atenção para o fato de que Bilbao utilizou-se de um diagnóstico bastante semelhante em seu livro *Sociabilidad Chilena*, publicado no ano anterior ao de seu colega argentino. O fato de Sarmiento estar exilado em Santiago do Chile naquele momento sugere um intercâmbio de ideias entre os intelectuais de ambos os países.

democracia religiosa e na liberdade e igualdade política. Percebemos que naquele momento histórico, de início da produção intelectual do autor, ele estava fortemente influenciado pelo liberalismo, acreditando que a aplicação da doutrina poderia proporcionar liberdade e igualdade entre todas as pessoas.

Em sua outra obra que analisamos, *El evangelio americano*, percebemos significativas mudanças na representação de Revolução Americana por Bilbao. Publicado vinte anos após o primeiro, este livro explicita muitas alterações no pensamento do autor, após vivenciar vários exílios no exterior, dois deles na França, e no momento em que ele se encontrava radicado há sete anos em Buenos Aires.

Diferente de seus escritos anteriores, nesta obra a linguagem religiosa é bem mais saliente, mesclando-se às questões políticas. O “evangelho” dos americanos seria o ideário igualitário e republicano ou o “livro do povo”. Os termos “verdade”, “palavra”, “revelação” são associados com “república”, “democracia” e “igualdade”, enquanto palavras como “mal” e “mentira” são relacionadas com “Europa”, “monarquia” ou “ilustrados” (termo empregado pelo autor ao se referir às elites latino-americanas). A ideia de revolução também aparece neste texto permeada por questões religiosas.

Neste sentido, Bilbao relacionou a revolução com a providência, ainda que a primeira fosse uma realização humana. Os homens, ao protagonizarem um processo revolucionário, estariam cumprindo com a “vontade divina” de que as pessoas fossem livres e iguais. A revolução, pois, seria uma fatalidade, mas não algo inexorável, pois todo o processo revolucionário seria passível de incompletudes ou retrocessos.

A mescla de concepções religiosas e políticas é claramente perceptível, no que concerne à representação de revolução pelo autor, no seguinte trecho que destacamos:

La revolución en su significado filosófico e histórico es la reacción de la justicia contra el mal. [...]. En donde hay violación de alguna ley natural allí existe el germen de la revolución. Restablecer el curso progresivo del humano desarrollo, detenido, contrariado o mutilado por la fuerza, por el error o el engaño y aun por el consentimiento de pueblos embrutecidos o degradados, tal es el fin de todo movimiento revolucionario que debe consignarse como victoria del derecho. (Bilbao, 1988, p. 128).

Diferente do texto anterior, em que Bilbao demonstrava-se partidário do conceito de revolução elaborado durante a Revolução Francesa, neste livro ele faz uso de concepções anteriores, que identificavam um

processo revolucionário com o restabelecimento de supostos tempos de um passado remoto. Nesta perspectiva, a revolução trataria de resgatar os “direitos naturais” que teriam sido usurpados ou detidos pela tirania, maus governantes ou mesmo por consentimento das populações. Embora alterada pela Revolução Francesa, estas concepções de revolução ainda circulavam entre os pensadores políticos, inclusive na América Latina. O curioso é o fato de Bilbao, em sua juventude, partilhar do conceito revolucionário francês e fazer a defesa de concepções anteriores em seus últimos anos de sua trajetória intelectual.

Uma possível explicação seja a mudança de avaliação do nosso personagem a respeito do papel da França. Como vimos, ao redigir a obra anterior, Bilbao via na França o exemplo de revolução a ser seguido. Enquanto a Espanha seria a manutenção da antiga ordem, a França representaria a mudança rumo à futura sociedade republicana e fraterna. No *Evangelio americano*, porém, o intelectual chileno fez profundas críticas à França por seu caráter centralizador, autoritário e de desrespeito às vontades e direitos individuais. Ao contrário de antes, neste outro contexto Bilbao procurou desvincular a Revolução Americana da Francesa e criticou duramente os americanos que se inspiravam e seguiam o modelo francês. Segundo o autor, “[...] la revolución americana ni es europea, ni es completamente espontánea a la América: la revolución americana es esencialmente humanitaria.” (Bilbao, 1988, p. 135). Ao desvincular o processo americano do europeu, Bilbao ressaltou as peculiaridades da América, o que estava coerente com sua trajetória intelectual. Ao longo dos anos, o autor analisou com maior profundidade as realidades americanas, percebendo suas profundas diferenças em seu processo histórico comparando com as sociedades europeias. Além disto, as críticas em relação à França e recusa do modelo francês têm a ver com as mudanças ocorridas no país europeu e suas atuações no exterior no momento que este outro livro de Bilbao foi publicado. A França tinha se convertido num império durante o governo de Napoleão III, o que para Bilbao significava o retrocesso do republicanismo perante a restauração monárquica. Em relação à América Latina, a França tinha recentemente promovido a invasão do México, onde também instaurara um regime monarquista. Estas ações francesas já tinham sido denunciadas pelo nosso intelectual em sua obra anterior, *La América en peligro*, publicada dois anos antes.¹⁰

¹⁰ Para uma análise da citada obra de Bilbao, consultar nosso artigo: Eduardo Scheidt (2007).

Se a Revolução Francesa não podia ser mais tomada como modelo, Bilbao tinha elegido ou outro exemplo a ser seguido pelos latino-americanos: os Estados Unidos. Este país, após o processo revolucionário de independência, teria desenvolvido uma sociedade plenamente republicana, especialmente por ter proporcionado uma real liberdade para os indivíduos: o *self-government* (expressão mantida em inglês ao longo do texto do autor). Ou seja, no país do norte, as populações americanas efetivamente se autogovernariam. Na perspectiva do intelectual chileno, a situação dos EUA contrastava com a da América hispânica: enquanto os primeiros teriam construído uma sociedade autenticamente republicana, os segundos teriam detido o processo revolucionário, especialmente pela ação de suas elites e da Igreja Católica. Os norte-americanos teriam superado completamente o colonialismo, mas na América do Sul, a herança espanhola ainda se faria presente¹¹. A concepção da Revolução Americana como limitada e incompleta, pois, o autor manteve em ambas as obras que analisamos. Só que nesta obra posterior, Bilbao se demonstrava mais cético quanto à perspectiva do processo revolucionário na América Latina, que demandaria longos anos e um árduo trabalho de convencimento das populações dos reais ideais republicanos, além do rompimento com o catolicismo.

Bilbao igualmente criticou o suposto caráter “unitário” da Revolução Francesa, que ele relacionou com despotismo, centralização e “horror ao individualismo”. Já os EUA, eram “federalistas”, o que estaria associado à descentralização, liberdades individuais e viabilidade do *self-government*. Entendemos estas afirmações do autor como uma crítica às elites políticas então governantes na Argentina. Conforme vimos, o intelectual chileno estava radicado em Buenos Aires no momento em que Mitre (identificado com a tradição unitária) consolidava sua vitória sobre Urquiza e os portenhos tinham sido vitoriosos na imposição da centralização política a todo país. Nestas disputas, Bilbao tinha optado

¹¹ Neste aspecto, chamamos a atenção para uma significativa mudança de posicionamento de Bilbao a cerca dos EUA em relação a um escrito anterior, *El Congreso Normal Americano*, publicado em 1856 durante seu exílio na França. Nesta obra, o autor teceu profundas críticas aos norte-americanos. Embora elogiasse sua revolução republicana, denunciou que ela teria se degenerado para o egoísmo e os interesses materiais. Também criticou os EUA pela manutenção da escravidão e denunciou seu caráter expansionista que tinha se evidenciado na guerra com o México. Naquele contexto, pois, os EUA significavam um “perigo” para a América Latina. Anos depois, no momento em que publicou a obra ora em análise, parece que Bilbao via somente na França um perigo aos latino-americanos. Sobre estes aspectos, consultar nosso citado artigo: Eduardo Scheidt (2007).

pelos federalistas e, neste sentido, embora se referisse à França e os EUA, suas críticas aos unitários e defesa do federalismo claramente aludem à questão argentina.

Uma outra mudança do pensamento do autor sobre a Revolução Americana é acerca dos indígenas. Na obra *Sociabilidad chilena*, eles foram relacionados com a “barbárie” e apontados como uma das razões que levaram a revolução a se deter e retroceder. Neste outro livro, Bilbao afirmou que:

El libre pensamiento en América ha sido sostenido por las razas indígenas libres que combatieron y combaten; he ahí su tradición. En donde no pudo penetrar el dogma católico, no pudo penetrar la esclavitud. [...]. Una raza que siente, que percibe, que adivina el error e sobre todo el error que esclaviza, por más encubierto que se presente con las promesas de las recompensas celestiales em cambio de la sumisión del pensamiento y la aceptación de un credo absurdo, es una raza que merece bien de la humanidad y qui tiene provenir. (Bilbao, 1988, p. 153).

Estes elogios às posturas de algumas sociedades indígenas eram somados a denúncias das práticas de extermínio implementadas pelas elites americanas e críticas às políticas de imigração de populações europeias. Nestes aspectos, novamente podemos ler o texto de Bilbao como uma crítica aos liberais que então ascendiam ao poder na Argentina. Não podemos perder de vista que diversas etnias indígenas, duramente reprimidas pelos governos liberais compunham a base social de apoio dos federalistas, que ainda resistiam ao processo de centralização política.

O ideário de Bilbao estava diretamente relacionado com sua luta política no campo intelectual. Suas ideias eram dirigidas à ação e as eventuais mudanças de concepções devem ser compreendidas ao contexto político e intelectual específicos do momento em que as obras do autor eram redigidas e publicadas.

Ao concluir nossa análise, posicionamo-nos de acordo com Clara Jalif, para quem Bilbao não foi um teórico da política e sim um homem de ação (2003, p. 43). É somente com esta perspectiva que podemos compreender as alterações na representação de Revolução Americana ao longo da trajetória intelectual do autor. Não se tratam de mudanças de posicionamento político ou ideológico, e sim a utilização de seu ideário

para distintos propósitos nos contextos históricos específicos nos quais Bilbao atuava, no momento de publicação de suas obras.

Quando nosso autor publicou o livro *Sociabilidad chilena*, o Chile, assim como os demais países latino-americanos, vivenciava o processo de construção do Estado nacional e consolidação da independência. No campo intelectual, ainda se travava uma disputa entre os partidários da independência e de uma nova ordem contra os remanescentes do colonialismo. É neste contexto que se insere o modelo francês para a Revolução Americana contrapondo-se à Espanha, identificada com o colonizador. Já no momento da publicação da outra obra que analisamos, *El evangelio americano*, o contexto era outro, de luta contra a ascensão das elites liberais ao poder. Neste sentido, as críticas de Bilbao à França, às alusões ao modelo norte-americano, as mudanças no tratamento das populações indígenas devem ser compreendidas à luz das alianças de nosso autor com os federalistas argentinos em sua luta contra às elites liberais no campo intelectual.

Ao nosso ver, as alterações nas representações de Revolução Americana são concomitantes a um processo de reinterpretação e readaptação de obras e ideias que circulavam na Europa e América por Bilbao, com o intuito principal de atuar nas lutas do campo intelectual em diferentes contextos.

Percebemos que a questão da Revolução Americana é crucial no pensamento político de Bilbao, sempre ocupando um lugar privilegiado nas ideias defendidas pelo autor. A despeito de mudanças nas representações de revolução ao longo de sua trajetória, entendemos que Bilbao manteve-se fiel à concepção de que a América Latina necessitava de um processo revolucionário para romper com as heranças do colonialismo e edificar uma sociedade autenticamente republicana. Esta representação da revolução seria um processo amplo, envolvendo os âmbitos político, econômico social e religioso. O autor aspirava a uma sociedade livre, autogovernada pelos cidadãos, com igualdade de oportunidades, fundamentada na razão, rompendo-se com o catolicismo e com a prática de um autêntico cristianismo. Era imbuído desta utopia que Bilbao atuava nas lutas ideológicas dos campos intelectuais em distintos contextos durante sua trajetória. Salientamos que Bilbao sempre foi fiel a sua opção de intelectual opositor aos regimes das elites latino-americanas e em ambas as obras podemos perceber um claro ataque ao regime de Portales, no livro *La sociabilidad chilena* e ao governo liberal portenho, na obra *El evangelio americano*. Em suma, Francisco Bilbao é um autor essencial para compreendermos as

representações de Revolução Americana no pensamento político latino-americano do século XIX.

Fontes

BILBAO, Francisco. Sociabilidad Chilena. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988. p. 3-37 [1844].

BILBAO, Francisco. El evangelio americano. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988. p. 69-186 [1864].

Referências

ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopías sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

BACZCO, Bronislaw. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Vol. 5, p. 333-396.

BETHELL, Leslie. (Org.). *História da América Latina*. São Paulo/Brasília: Edusp/Imprensa Oficial/Funag, 2001. Vol. 3: Da Independência até 1870.

BILBAO, Francisco. *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988.

BOURDIEU, Pierre. Campo del poder, campo intelectual y habitus de clase. In: *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: EUDEBA, 2000. p. 23-42.

BOURDIEU, Pierre. Las condiciones sociales de la circulación de las ideas. In: *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: Eudeba, 2000. p. 159-170.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

COLLIER, Simon. O Chile da independência à Guerra do Pacífico. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001. Vol. 3: Da independência até 1870, p. 591-624.

FORTIN GAJARDO, Carlos. *Historia general de Chile*. T. II. Santiago do Chile: Pedro Medeiro y Cía, 1971.

FRÍAS VALENZUELA, Francisco. *Manual de Historia de Chile*. Santiago do Chile: Zig-Zag, 1991.

GAZMURI, Cristián. *El “48” chileno. Igualitarios, reformistas, radicales, masones y bomberos*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 1998.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

JALIF DE BERTRANOU, Clara Alicia. *Francisco Bilbao y la experiencia libertaria de América. La propuesta de una filosofía americana*. Mendoza, EDIUNC, 2003.

PASQUINO, Guianfranco. Revolução. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Guianfranco (Orgs.). *Dicionário de política*. Brasília: UnB, [s/d.]. CD-R.

RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

ROMERO, José Luis. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1987.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1997 [1845].

SCHEIDT, Eduardo. *Carbonários no Rio da Prata: jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina (1827-1860)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SCHEIDT, Eduardo. Representações de América no pensamento de Francisco Bilbao. In: *Dimensões*, Vitória: NPIH/Ufes, n. 19, p. 27-47, 2007.

WASSERMAN, Fabio. Revolución. In: GOLDMAN, Noemí (Org.). *Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008. p. 159-174.

Submetido em 15/09/2009.

Aprovado em 25/06/2010.